

REPRESENTATIVIDADE, SUBJETIVIDADE, RESISTÊNCIA E EDUCAÇÃO DE MENINAS NEGRAS

REPRESENTATION, SUBJECTIVITY, RESISTANCE AND EDUCATION OF BLACK GIRLS

REPRESENTACIÓN, SUBJETIVIDAD, RESISTENCIA Y EDUCACIÓN DE NIÑAS NEGRAS

Luciléia da Silva Vieira ¹
Frederico Assis Cardoso ²

Resumo: Este texto comunica o resultado de uma investigação que produziu reflexões e análises acerca de mulheres negras na contemporaneidade. O objetivo foi analisar a relação existente entre os conceitos de representatividade, subjetividade e resistência a partir das narrativas de jovens mulheres negras periféricas. A pesquisa fez uso de um procedimento metodológico que priorizou acompanhar cinco jovens em uma organização não governamental destinada à proteção social. As atividades realizadas incluíram: a observação participante e as intervenções na forma de oficinas. Quanto ao referencial teórico, a pesquisa vinculou-se ao campo da Sociologia da Educação, com destaque para o campo dos Estudos Étnico-Raciais. Sendo assim, o argumento central deste estudo foi o de que os corpos negros femininos são um pressuposto político de resistência social ao machismo do patriarcado e ao racismo estrutural na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Corpos femininos negros. Resistência. Educação. Estudos das Relações Étnico-Raciais.

Abstract: This text communicates the result of an investigation that produced reflections and analyzes about black women in contemporary times. The objective was to analyze the relationship between the concepts of representativeness, subjectivity and resistance from the narratives of young black women in the periphery. The research used a methodological procedure that prioritized accompanying five young people in a non-governmental organization dedicated to social protection. The activities carried out included: participant observation and interventions in the form of workshops. As for the theoretical framework, the research was linked to the field of Sociology of Education, with emphasis on the field of Ethnic-Racial Studies. Therefore, the central argument of this study was that black female bodies are a political assumption of social resistance to the machismo of patriarchy and structural racism in Brazilian society.

Keywords: Black female bodies. Resistance. Education. Studies of Ethnic-Racial Relations.

Resumen: Este texto comunica el resultado de una investigación que produjo reflexiones y análisis sobre las mujeres negras en la contemporaneidad. El objetivo fue analizar la relación entre los conceptos de representatividad, subjetividad y resistencia desde las narrativas de jóvenes negras de la periferia. La investigación utilizó un procedimiento metodológico que priorizó el acompañamiento de cinco jóvenes en una organización no gubernamental dedicada a la protección social. Las actividades realizadas incluyeron: observación participante e intervenciones en forma de talleres. En cuanto al marco teórico, la investigación se vinculó al campo de la Sociología de la Educación, con énfasis en el campo de los Estudios Étnico-Raciales. Por lo tanto, el argumento central de este estudio fue que los cuerpos femeninos negros son un supuesto político de resistencia social al machismo del patriarcado y al racismo estructural en la sociedad brasileña.

Palabras-clave: Cuerpos femeninos negros. Resistencia. Educación. Estudios de Relaciones Étnico-Raciales.

¹ Mestra em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e docente na Prefeitura Municipal de Contagem, Minas Gerais, Brasil. eulisanos@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-2900-4182>

² Professor Adjunto na Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Membro do Observatório Sociológico Família-Escola (OSFE/FaE/UFMG) e do Instituto de Pesquisas e de Estudos Feministas da Universidade do Québec em Montréal (IREF/UQAM). fredasc@ufmg.br. <https://orcid.org/0000-0003-2704-3652>

À memória de Elza Soares, mulher negra
que cantou as dores e as resistências de tantas mulheres negras.

INTRODUÇÃO: ATRAVESSAMENTOS DAS CATEGORIAS CLASSE SOCIAL, GÊNERO, RAÇA E AS SUAS INSURGÊNCIAS

O presente artigo articula reflexões teóricas acerca da concepção de representatividade, subjetividade, resistência e educação³ a partir da narrativa de jovens mulheres negras⁴. As *Meninas*, como optaram as próprias jovens por serem nomeadas, colaboraram com a construção do trabalho ao proporcionarem outros olhares sobre os atravessamentos de ser mulher, jovem e negra na sociedade. Suas contribuições encontram-se destacadas neste artigo. Isso significa que o texto não as considera apenas como sujeitas depoentes e participantes da pesquisa, mas, antes, como pessoas que se mobilizaram em prol da viabilidade da própria pesquisa, sendo elas mesmas, de alguma maneira, também coautoras deste texto. Foi assim que as *Meninas* trouxeram para a reflexão do trabalho a compreensão do conceito de identidade.

Segundo Hall (2003, p. 108) as “identidades” estão imbricadas em um processo de longas mudanças, não sendo,

portanto, “singulares, mas multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas que podem se cruzar ou ser antagônicas”. Desse modo, as identidades estão submersas em constantes atualizações e transformações diversas. Para Hall (2003), a *identidade* só pode ser construída por meio da *diferença* e não *por fora*, de maneira autônoma, entendendo que é somente na relação com o *outro* que percebemos a ausência de algo. Desse modo, “toda a identidade tem necessidade daquilo que lhe falta - mesmo que o outro que lhe falta seja outro silenciado e inarticulado” (HALL, 2003, p. 110).

Em se tratando das compreensões em relação ao gênero, apesar dos desafios enfrentados e dos conflitos existentes, historicamente, as discussões relacionadas ao campo dos Estudos de Gênero produziram importantes e grandes avanços. Um acúmulo considerável de trabalhos e de investigações potencializa as discussões sobre as especificidades e os interesses do Campo. Parte desse acúmulo deve-se, também, às contribuições do ativismo e da militância dos movimentos Feministas e também de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queers, Intersexuais, Assexuais, bem como representantes de grupos e de variações de sexualidade e gênero, além de simpatizantes da causa pela luta pelos direitos e pela inclusão de pessoas de diversas e diferentes orientações sexuais e identidades de gênero (LGBTQIA+), pioneiros (as) das reivindicações de resguarda dos direitos civis, tanto nas ruas quanto no campo intelectual (LOURO, 1997).

³ Guerreiras aquelas que nasceram nas trincheiras: representatividade e resignificação nas vozes das Meninas da Terra, (VIEIRA, 2019).

⁴ As jovens negras eram moradoras de uma região periférica da cidade de Belo Horizonte/MG e, por ocasião da pesquisa, frequentavam um programa de prevenção ao uso e ao abuso de entorpecentes de uma Organização Não-Governamental (ONG) mantida, basicamente, por recursos de projetos e pelo trabalho voluntário de pessoas sensíveis à vulnerabilidade social.

Neste artigo, os elementos que balizam as escolhas teóricas sobre os estudos de gênero possibilitam questionar uma determinada concepção, relativamente homogênea, de feminismo. Essas escolhas, tanto teóricas como intencionais e políticas, permitem colocar em evidência os referenciais de gênero e de raça produzidos a partir dos marcadores de diferenças culturais e sociais *entre* mulheres brancas e mulheres negras e, ao mesmo tempo, diferenças culturais e sociais produzidas *por* intelectuais, mulheres feministas brancas e mulheres feministas negras.

Historicamente, o fato de as mulheres brancas terem tido maior acesso à educação escolar formal e regular, acesso esse anterior ao das mulheres negras, uma vez que ocuparam as universidades, possibilitou-lhes o direito ao uso dos mecanismos de voz em espaços culturalmente legitimados. Talvez seja oportuno ressaltar que o acesso à educação escolar formal e aos círculos acadêmicos representou uma conquista relevante em torno do qual diversas mulheres pioneiras se mobilizaram em prol da pauta feminista. Apesar disso, a mulher branca também continuou condicionada a inúmeros contextos de violação, o que infelizmente ocorre ainda hoje, em situações de opressão perpetuadas pelo patriarcado. Dessa forma, este artigo se propõe a demonstrar que, apesar da análise do lugar autorizado que essas mulheres brancas conquistaram, as mulheres negras ainda carecem de terem suas conquistas sociais e intelectuais não apenas reconhecidas como valorizadas. Nesse sentido, grande parte da pauta de reivindicações políticas das mulheres negras envolve as questões referentes ao acesso à educação e às condições para a sua permanência e, não

obstante, que aspectos de sua cultura étnico-racial possam ser representados, reconhecidos e legitimados (DAVIS, 1980).

As feministas negras utilizam como parâmetro de suas reivindicações as suas experiências de existência histórica, social e cultural, bem como as experiências das mulheres negras não declaradamente feministas, mas que tensionam o lugar de opressão a que estão submetidas. Assim, de acordo com Collins (2016), a experiência é vivenciada de maneiras diferentes, sejam em classes sociais, faixas etárias, regiões geográficas, preferências sexuais, bem como a partir de configurações históricas distintas e específicas. Em virtude disso, não existiria uma homogeneidade das culturas das mulheres negras e, sim, construções sociais das culturas das mulheres negras que juntas formariam a sua cultura, diversa e polissêmica (COLLINS, 2016).

Partindo desse princípio, este trabalho aponta para as invisibilidades nas representações de corpos de jovens mulheres negras e os avanços tecidos por suas próprias trajetórias no que se refere à representatividade dos campos sociais em disputa. E, conseqüentemente, de que maneira essas mulheres atuam para recontextualizar os espaços em que circulam como forma de produzir narrativas a partir de suas próprias experiências.

SOBRE REPRESENTAÇÃO SOCIAL, SUBJETIVIDADES, RESISTÊNCIA E EDUCAÇÃO

De acordo com Jodelet (2016), a representação acontece por intermédio das transversalidades, sendo interpretada por diversos campos teóricos, não podendo ser analisada de maneira unívoca, seguindo apenas uma direção e um sentido. Apesar

disso, para Ribeiro (2018), as representações não poderiam ser analisadas de maneira genérica, generalizantes e macro analíticas, sendo necessário o investimento em análises mais pormenorizadas, minuciosas, uma vez que elas diriam respeito às formas como as pessoas se leem e leem o mundo, nomeando-o e nele atuando. Nessa perspectiva, Ribeiro (2018, p. 31) afirma que “as dimensões das representações sociais estão ligadas às informações que os sujeitos possuem sobre um objeto, a estrutura e organização acerca desse conhecimento e das atitudes em relação ao mesmo”.

São as atitudes dos sujeitos e a sua forma de atuação no mundo, aspectos que envolveriam tanto os conhecimentos sobre uma psicologia individual como a sua relação com os aspectos mais amplos da sociologia, que identificariam e manifestariam os seus posicionamentos de acordo com uma dada realidade social e com a experiência *com* a sua própria realidade social (RIBEIRO, 2018, *apud* LIMA, 1993). Dessa maneira, “as atitudes são fruto da interação social, de processos de comparação, identificação e diferenciação” (RIBEIRO, 2018, p. 31). Sendo assim, não haveria modos de representação social fixos ou imutáveis, mas cada sujeito tenderia a desenvolver as suas maneiras de representação social conforme a realidade de suas experiências e especificidades. Tais especificidades podem ser compreendidas por intermédio das concepções a respeito da subjetividade, que de acordo com Silva (2000):

É com frequência tomado simplesmente como sinônimo de “sujeito”. Neste sentido, pode-se aplicar ao conceito de “subjetividade” todos os

questionamentos que são feitos ao conceito de “sujeito”. Em termos gerais, refere-se às propriedades e aos elementos que caracterizam o ser humano como “sujeito”. (SILVA, 2000, p. 101).

Para García (2014), tal conceito nos aproxima dos sentimentos, uma vez que todas as pessoas seriam passíveis de sentimentos de alegria, tristeza, medo, raiva etc., embora o que diferenciaria as pessoas seriam as suas maneiras de compreender e de expressar tais sentimentos. A autora assevera que:

La subjetividad no trata solo lo personal sino lo social, es saber y sentir quién soy y lo que existe a mi alrededor; es conocer el proceso histórico, identificar las políticas de segregación, asimilación y etnocidio que el Estado, los grupos de poder económico y sectores ladinos siguen promoviendo para mantener sus privilegios y marcar siempre las desigualdades. La subjetividad invita a interpretar y no a naturalizar nuestra vida y nuestra identidad, a partir de raíces históricas, económicas, políticas y culturales para poder dar respuesta a las distintas causas de la opresión. (GARCÍA, 2014, p. 211-12).

A aproximação com as *Meninas* nos fez perceber e escutar em suas vozes as memórias e as compreensões que tinham de si mesmas. Essa aproximação permitiu, para além da interlocução científica, o aprofundamento de reflexões críticas acerca dos lugares subalternizados a que elas estariam *assujeitadas*. Nessa perspectiva, tornou-se mais evidente perceber como os

lugares sociais, as submissões de gênero, de classe social e de raça são arquitetadas, moldadas. Se, de acordo com García (2014), a subjetividade pode assimilar a sociedade, talvez seja oportuno ressaltar que de modo geral ela também permite assimilar essa sociedade a partir das experiências de desigualdade. Certamente, a experiência pessoal guarda características individuais. No entanto, quando um conjunto de experiências individuais se torna semelhante, como as práticas discriminatórias raciais, de classe e de gênero, é provável que tais situações de opressão estejam sendo experimentadas em coletivo, ainda que fragmentadas nos indivíduos. Isso pode significar que as experiências de exclusão e de subalternação não são um problema de uma pessoa, embora experimentadas individualmente, mas um problema social.

Dessa forma, um evento que poderia ser compreendido como um efeito de percepção meramente individual configura-se, na verdade, como uma questão social. Sendo assim, discutir sobre uma feminilidade negra positiva torna-se uma postura, uma opção política e social urgente nas realidades das mulheres negras, buscando em contextos antirracistas e antissexistas uma recontextualização de seus lugares. Para isso é preciso reconhecer outros valores que destoam da concepção estereotipada dos *papéis sociais* produzidos e endereçados para as mulheres negras. Isso significa que elas poderiam ser capazes de transformações que se operariam tanto no nível individual como nos níveis coletivo e social, por intermédio de suas próprias experiências, agora analisadas de maneira crítica e reflexiva.

QUESTÕES SOBRE O MÉTODO: CONHECENDO AS MENINAS DA TERRA

As Meninas que colaboraram com a pesquisa frequentavam a Associação de Atenção à Dependência Química “Terra da Sobriedade”, instituição que realiza atendimento às pessoas em dependência química; seja álcool, tabaco e/ou outros produtos químicos. Elas participavam do Grupo Meninos da Terra, programa de prevenção seletiva e continuada que atende bebês, crianças, adolescentes e jovens, meninos (as), com idade entre zero a vinte e um anos em contextos de vulnerabilidade e de risco social⁵ que convivem com a dependência química em seus lares ou em suas comunidades.

Desde o ano de 2006, o Programa acompanha o mesmo grupo de pessoas. Muitos (as) meninos (as) que participavam, desde o início, agora visitam a Terra com os (as) seus (suas) filhos (as). Além dessas crianças, o Programa recebe meninos (as) de outras comunidades, atendendo a um público composto por uma população que varia entre trinta e sessenta crianças e jovens cadastrados (as), bem como suas famílias,

⁵ Sobre a relação entre vulnerabilidade e risco, Reppold *et al.* (2002) afirmam que, frente a situações adversas, o “comportamento dos sujeitos perante esses eventos depende de sua vulnerabilidade” (p. 10); ou seja, haveria uma predisposição ou mesmo a possibilidade de respostas pouco adequadas à situação de vulnerabilidade social. Um dos fatores de risco para o desenvolvimento psicológico e social seria o baixo nível socioeconômico. Em famílias das frações mais pobres da sociedade operariam ainda como fatores de alto risco, além do baixo nível socioeconômico, características como a remuneração parental, a escolaridade, o número de pessoas da mesma famílias e a ausência de um dos pais ou de sua função social (JANCZURA, 2012).

notadamente todos (as) moradores (as) das periferias no município de Belo Horizonte e Região Metropolitana, região norte, da Cidade. A proposta do Programa é oferecer um atendimento confiável e seguro para os (as) meninos (as), assim como proporcionar caminhos que fortaleçam suas trajetórias, estimulando o autocuidado.

Durante a análise dos prontuários e ao observarmos as meninas nas atividades, optamos pela escolha de cinco meninas⁶, sendo duas delas primas e duas irmãs. Na ocasião em que o trabalho foi desenvolvido, duas delas tinham quinze anos de idade, duas tinham dezenove anos e uma jovem estava com dezesseis. A escolha das participantes da pesquisa teve como justificativa a maneira que elas participavam do Programa: elas eram as mais assíduas nas, e as mais participativas das, atividades desenvolvidas. Além disso, duas delas frequentavam o Programa há mais tempo. O que poderia explicar, considerando os seus laços afetivos com a Instituição, o seu tempo de permanência. Por fim, outro critério adotado para a definição das participantes referiu-se ao fato de que as cinco jovens mantinham uma relação de amizade mútua, o que configurava um relevante grupo de investigação baseado na estima recíproca e na confiança consolidada antes mesmo do início do trabalho de investigação.

Para que a pesquisa fizesse sentido para as *Meninas*, optamos por desenvolver um estudo qualitativo, compreendo que a proposta de investigação não guardava a intenção de encontrar uma resposta única e certa para os problemas da pesquisa em si,

⁶ Optamos por nomear as meninas com seus apelidos, por ser a maneira com que elas queriam ser identificadas. Assim, preservamos também as suas identidades.

tampouco manifestava a defesa de uma representação estatística numericamente expressiva.

É, portanto, a concepção idealista-subjetivista ou fenomenológica de conhecimento que dá origem à abordagem qualitativa de pesquisa, na qual também estão presentes as idéias do interacionismo simbólico, da etnometodologia e da etnografia, todas elas derivadas da fenomenologia. (ANDRÉ, 2008, p. 18).

A proposta investigativa, de caráter qualitativo e nos moldes de uma pesquisa-ação, nos forneceu grandes possibilidades de intervenção no campo: no mesmo momento que estávamos investigando, agíamos sobre ele, no instante mesmo da intervenção. Nosso trabalho levou em consideração as contribuições de Tripp (2005), para quem a pesquisa-ação deveria se orientar a partir de três momentos: o primeiro, o de planejamento. Visou, em primeiro lugar, aproximar as *Meninas* das questões referentes à problematização da investigação, por meio das concepções de gênero e das relações étnico-raciais. Ao invés de fazermos uso de entrevista, optamos por utilizar a técnica dos *jogos teatrais*: O Fichário de Viola Spolin (2008), como direção para produzir a investigação. O uso metodológico dos jogos teatrais, como suporte para a ferramenta investigativa, foi a primeira intervenção com as *Meninas* e uma importante estratégia de aproximação com elas, de tal forma que as questões referentes às discussões propostas produziram uma abordagem menos tensa. O que possibilitou que um diálogo franco acontecesse, de maneira espontânea, entre nós.

Posteriormente, realizamos a segunda parte da intervenção, paralela à investigação apoiada nos jogos teatrais. O segundo passo da pesquisa teve a intenção de atender a proposta de construção de um videoclipe, apelo sugerido pelas *Meninas* e encampado pelo trabalho de pesquisa-ação. Nesse sentido, a investigação teve também como instrumento de análise a intenção de um estudo de caráter, ou do tipo etnográfico (ANDRÉ, 2008). Isso significou a opção por fazer uso da análise apoiada em uma intenção etnográfica com o propósito de entender os caminhos percorridos durante o processo da construção da pesquisa; desde as primeiras observações através da experiência na Instituição até a elaboração do videoclipe.

Seguindo a sequência investigativa de Pesquisa-ação a partir de Tripp (2005), o terceiro momento seria a descrição das impressões e da análise de alguns aspectos marcantes na experiência em campo, que podem não somente ser analisadas, mas pensadas a partir de estratégias de como as ações poderiam ser modificadas no espaço *das e com as Meninas*. De acordo com Tripp (2005), a pesquisa-ação possui relação com a modificação do espaço pesquisado. Quando alguém se propõe a estar e a pesquisa em um mesmo local, que na maioria das vezes não lhe é totalmente estranho, pode-se, a partir de uma *investiga-ação*, dar outros significados ao modo de agir sobre ele.

MENINAS DA TERRA: VOZES DAS MULHERES NEGRAS E EDUCAÇÃO

A sociedade brasileira, composta, majoritariamente, por negros (as)⁷, tem-se mostrado, de fato, sub-representada; seja no campo da educação, seja nos meios de comunicação de massa, de propaganda ou de informação. A proporção de quantidade da população negra no País, em detrimento da invisibilidade representativa nesses campos de disputa de poder, é uma problemática para a própria população negra que, mesmo sendo numericamente uma maioria expressiva da população nacional, ainda vive condicionada a um tipo de inexistência, ou a uma existência não-representativa. Esses são campos de discussão que, de acordo com Gomes e Miranda (2014), apesar da tensão, tratam-se de demandas urgentes.

A educação escolar e a mídia estão entre os principais espaços em que se pode notar essa tensão. Ambas produzem discursos reguladores sobre os corpos e, em especial, sobre o corpo negro. A superação desta situação e a proposição de novos caminhos têm sido novas

⁷ Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre os anos de 2012 e 2016, enquanto a população brasileira cresceu 3,4%, chegando a 205,5 milhões, o número dos/as que se declararam brancos/as teve uma redução de 1,8%, totalizando 90,9 milhões. Já o número de pardos/as autodeclarados/as cresceu 6,6% e o de pretos/as, 14,9%, chegando a 95,9 milhões e 16,8 milhões, respectivamente. É o que mostram os dados sobre moradores da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (IBGE/PNAD Contínua-2016), divulgados. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-pnad-c-moradores>>. Último acesso em 19 nov. 2018.

demandas do movimento negro. (GOMES; MIRANDA, 2014, p. 86).

No que se refere à educação, alguns e algumas autores (as) problematizam, juntamente com os movimentos negros, os processos de invisibilização de negros (as), sobretudo nas escolas. Como Santomé (1997 *apud* Silva, 2007), que identifica uma problemática no campo da educação e, conseqüentemente, do currículo escolar, em que algumas lacunas têm sido colocadas em evidência já há algum tempo:

[...] a escola, embora concebida, nos termos dos textos legais e objetivos pedagógicos, para garantir e divulgar princípios de justiça e igualdade tem divulgado e reforçado visão unitária e não plural de sociedade. Tem propiciado a formulação de representações que desvalorizam os diferentes, aqueles que não se encaixam nos padrões difundidos pela referida visão unitária. Tem propiciado representações que geram, junto aos diferentes, tidos como não iguais, percepção de inferioridade que lhes seria inata e quase sempre incorrigível. (SANTOMÉ, 1997 *apud* SILVA, 2007, p. 496).

Nesse sentido, é importante considerar que o discurso educacional provoca tensões entre os lugares de regulação e de invisibilidade dos corpos negros, sobretudo dentro das instituições escolares. O que percebemos em relação às inquietações das *Meninas*, foi que na medida em que elas estavam tensionando a escola, a ponto de questionarem a sua função social, elas ao mesmo tempo estavam considerando a

possibilidade de a escola ter mais para oferecer do que se apresentava. Ao questionarmos se elas precisavam da escola, por exemplo, as meninas responderam:

Viih: “- Preciso, eu já aprendi ler e escrever, preciso [da escola].”

Vick: “- É, mas você precisa demais [da escola].”⁸

Se por um lado a escola já teria cumprido a sua função social mais elementar, a de ensinar a ler e a escrever, como *Viih* apontou, por outro contrapõe *Vick*, a *Menina* que estava afastada da escola, de acordo com a expressão em que “você precisa demais”. “Precisar de mais” como uma locução adjetiva que manifesta quantidade, parece sinalizar que escrever e ler ainda não seriam o suficiente para atingir os seus anseios e as suas necessidades. Talvez não seja possível identificar, a não ser a obrigação, a importância desse espaço/lugar na vida das *Meninas*, já que elas passavam a maior parte do tempo na escola. E mesmo as *Meninas* que, por algum motivo, foram obrigadas a abandonar os estudos, como *Vick*. A conclusão dos estudos é algo que se apresenta como necessário, de acordo com o que percebemos em suas vozes, por conta da obrigação em ter que “precisar de mais”. Esse “mais”, na língua portuguesa, um advérbio de intensidade, pode ser na

⁸ Considerando o registro oral não foi possível identificar se a expressão usada por *Vick* se referia especificamente ao advérbio de intensidade, que intensifica o uso de um verbo (no caso, *precisar*), um adjetivo ou um advérbio, “demais”, ou da locução adjetiva que manifesta uma quantidade “de mais”. Optamos por transcrever a primeira possibilidade, embora as marcas da oralidade permitam interpretação também para o segundo caso.

verdade muitas coisas, tais como: se qualificar para o mercado de trabalho; ocupar melhores postos de trabalho; obter melhor remuneração; fazer seleção para o ensino superior; cursar uma faculdade, entre outras coisas. A fala de *Vick* demonstra que o tempo vivido e experienciado nas escolas pode ser representado como um determinado tipo de ritual de passagem - mesmo que a escola seja um lugar que as atravessa de maneira real - que as provoca tantos conflitos e dilemas, ainda é necessário estudar. Tal ritual representaria a forma de garantir um dos poucos acessos para a conquista dos seus objetivos materiais.

Mesmo compreendendo que *Viih* carece de “algo a mais”, é necessário também ressaltar que a escola precisaria oferecer às *Meninas* como *Viih*, *Vick*, *Sá*, *Belinha* e *Binha* aquilo que faltam a elas, algo do que não necessita apenas de aprender a ler e a escrever. Dessa forma, o desejo de inclusão real, das populações negras e de reconhecimento de seus direitos e potencialidades, passaria pela urgência de que a instituição escolar pudesse ser mais significativa para elas, não servindo apenas como um instrumento para qualificá-las para o mercado de trabalho. De certa maneira, mesmo que a escola corrobore com estereótipos que inviabilizem e que provoquem desconfortos, principalmente em relação aos (às) negros (as), esse talvez seja ainda um dos poucos direitos sociais públicos subjetivos acessíveis, mesmo que precarizado, como ressaltava Gomes (2017):

No Brasil, a escola, principalmente a pública, é resultado de uma luta popular pelo direito à educação é entendida como parte do processo de emancipação social. No entanto,

essa mesma escola se construiu historicamente enquanto uma instituição reguladora marcada pelas regras, normas e rituais, pela divisão dos conteúdos, pelo cognitivismo, pela ideia do conhecimento científico como única e privilegiada forma de saber, pela ordem e pelo disciplinamento dos corpos. (GOMES, 2017, p. 134).

Segundo a própria autora, a escola é a instituição que mais recebe corpos marcados pela desigualdade sócio-racial. Corpos que, ainda que tragam em si a sua diferença, com acúmulo de conhecimentos advindos dos contextos em que vivem, não são valorizados nesse modelo escolar. Tal modelo ainda seria, após séculos de uma permanente (re-)construção de práticas e de posturas, referenciado por uma norma branca que reduz os conhecimentos mais diversos às referências eurocêntricas, notadamente marcadas por condicionantes judaico-cristãos e masculinos heteronormativos.

Na sequência de nossos diálogos, as *Meninas* apontaram pistas que nos fizeram compreender, por intermédio de suas conclusões reflexivas, sinais que identificassem como seus corpos e modos lidam em meio aos espaços/lugares de convivência enquanto um corpo em movimento e também político. Nesse instante, retomamos a partir das questões que elas mesmas foram trazendo, as saídas possíveis que poderiam encontrar para lidar com as suas realidades cotidianas. Entre elas, a pergunta: se pudessem mudar algo em suas vidas, o que mudariam? E *Viih* nos surpreende com sua resposta:

Viih: “- A escola e mudaria de casa, o povo fala demais.”

Os depoimentos das *Meninas* evidenciam aquilo que elas mudariam em consonância com uma expressiva insatisfação do que parecia incomodá-las naquele momento de suas vidas. Os relatos também aparentavam que elas não parecem alheias aos acontecimentos que lhes eram externos. Na medida em que sinalizavam as insatisfações, elas ainda mostram caminhos possíveis, como *Viih*, que nesse ponto de fala indicou que a escola precisava mudar. No instante do depoimento ela sinalizou a importância de sua permanência na instituição, mas a necessidade de a escola mudar, pois não parece atender os anseios e as demandas de *Meninas* iguais a ela, negra e periférica. Dessa maneira, as *Meninas* estariam problematizando a regulação de seus corpos dentro do espaço escolar que, de alguma maneira, não as veem, ou as regulam de forma a lhes provocar algum desconforto. Assim, a invisibilidade do corpo negro, de acordo com Gomes (2017), acontece parcialmente:

Trata-se de um processo engenhoso. A não existência do corpo negro e dos seus saberes pode se fazer presente quando esse corpo é tematizado via foldorização, exotismo ou negação. Ou então quando esse corpo é apresentado e representado como indisciplinado, lento, fora do ritmo, que não aprende, violento. (GOMES, 2017, p. 79).

As contribuições da autora e das próprias *Meninas* nos convidam à reflexão acerca das lacunas que mulheres negras e periféricas percebem na escola. Elas apontam, cotidianamente, aquilo que de

algum modo lhes provoca incômodos, ainda que talvez não seja facilmente por elas nomeado: os sofrimentos sociais provocados pela não-representação e pelo não-reconhecimento de suas trajetórias, os estigmas e os estereótipos e os atos de violência simbólica, o distanciamento entre os projetos escolares de formação e os anseios de uma juventude que tem sido objeto de silenciamento e inviabilização, o preconceito. E, quando não distante, de segregação e de morte. Dessa forma, é imprescindível o trabalho e o protagonismo de educadores (as) comprometidos (as) com o processo de uma educação escolar não apenas antirracista, mas sobretudo, interessado nas condições de vida e nos desejos de meninas negras. Afinal, de que maneira os (as) educadores (as) estariam percebendo essas questões e incômodos por elas provocadas nos corredores das escolas e nas salas de aula? Estaríamos efetivamente propondo ações para minimizar os efeitos do racismo e do machismo dentro das instituições escolares?

SOBRE OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Em relação às discussões referentes às mídias⁹, pode-se considerar que os grandes avanços da tecnologia têm possibilitado uma vasta conexão entre povos de todo o mundo, facilitando o acesso aos meios de comunicação, rompendo com as barreiras nacionais e exercendo impactos sobre as políticas governamentais. Segundo Medeiros

⁹ Dentro do amplo leque dos meios de comunicação, a mídia é entendida como os meios de comunicação de massa, instrumentos de mediação na constituição dos sujeitos e ainda definida como os meios de comunicação pagos, aqueles que são transformados em mercadorias (OLIVEIRA, 2009).

(2002), os meios de difusão de informação influenciam, de modo geral, as pessoas em suas “atitudes e procedimentos adotados pelas sociedades, quer individualmente, quer pelos distintos grupos sociais” (2002, p. 28). Inclusive é possível perceber nas relações entre as *Meninas* que, de algum modo, elas estão conectadas com as tecnologias, seja por meio de seus perfis em redes sociais virtuais, seja por meio do consumo das músicas ou as reproduções de si mesmas nas *selfies* de seus aparelhos móveis. Com isso, elas estão construindo suas estratégias de lidar com a comunicação, por intermédio de um viés aproximado dos contextos que elas se identificam e a que têm acesso.

Em outros contextos, estudos mostram que não há uma imparcialidade no que se refere aos conteúdos e à participação equilibrada de grupos diversos nas representações dos meios de comunicação. Em detrimento disso, a imprensa teria a tendência de reproduzir a sociedade, afirmando a permanência de um enunciado homogêneo, como ilustrou Oliveira (2002):

A imprensa no Brasil está longe de ser neutra e de olhar com imparcialidade a sociedade brasileira. Nós certamente sabemos disso e dizemos nos corredores o tempo todo que a imprensa e a mídia no Brasil estão a serviço, no mínimo, dos interesses de determinadas classes sociais e grupos econômicos. (OLIVEIRA, 2002, p. 36).

Talvez seja possível afirmar que essas mídias possuem, quantitativamente, mais homens e mulheres brancos (as) do que negros (as) ocupando cargos de divulgação de sua imagem. Além disso, talvez seja

igualmente possível afirmar que essas mídias desenvolvem um determinado conteúdo, menos próximo à imensa maioria da população negra brasileira, e mais voltado aos interesses de apenas uma parcela branca.

É importante considerar que na atualidade percebemos algumas representações e poucas representatividades das populações negras no cenário midiático. Representações essas que, apesar de estarem em espaços considerados de poder, como em telejornais, novelas e programas, ainda carregam marcas da estereotipização. Como apontam Gomes e Miranda (2014, p. 87), “no contexto atual, em que muito lentamente os corpos negros aparecem nas passarelas e nas TVs, podemos vê-los ainda como exceções. Da invisibilidade inicial passamos a uma visibilidade subalterna”. Na maioria das vezes, esses (as) negros (as) estão sempre representados (as) nos corredores, servindo, limpando, carregando os equipamentos ou, até mesmo, preparando os (as) personagens para o espetáculo que, algumas das vezes, ironicamente interpretam a trajetória das suas vidas.

Mesmo os processos sociais de representação sendo ainda bastante lentos, podemos perceber algumas mudanças positivas, como as representatividades de negros (as) em destaque com posturas políticas e afirmativas dentro do campo educacional e midiático que, de alguma maneira, forma modos se perceber no mundo. Como, por exemplo, as políticas de Ações Afirmativas que garantem a história e cultura das populações africanas e afrodescendentes nos currículos escolares do Brasil (SILVA, 2007).

OS CORPOS NEGROS E FEMININOS

Para compreender como os diferentes corpos femininos se manifestam em determinados lugares, poderíamos destacar que, não de modo simples, esses corpos são marcados por inúmeros contextos de opressão. “Assim, torna-se inevitável problematizar a construção dos corpos em nossa sociedade que se apresenta machista, androcêntrica e paradoxalmente indiferente e acusatória ao que foge ao padrão imposto, à vigilância” de todos os corpos. A reflexão de Kleaim (2016) parece oportuna:

Ler um corpo é tramar-lhe signos: um nome, uma raça, um sexo, uma deficiência, uma pessoa, um gênero, uma sexualidade. Ler um corpo é reconhecê-lo por meio da linguagem, é observá-lo atravessa (n) do (por) dispositivos e normas, regimes de poder e biotecnologias. [...] Viemos aprendendo com os feminismos que aliar uma personalidade e uma identidade a um corpo está para além de adjudicar-lhe um gênero, um sexo e uma sexualidade; mais que isso: enredamo-lo (nosso corpo) na divisão social (e sexual) do trabalho e nos limites de participação/exclusão dos diversos espaços sociais, passando pelos gestos contidos (ou agressivos) até chegar nas próteses de silicone, no cinema pornô, na anorexia e na bulimia. (KLEAIM, 2016, p. 10).

O corpo feminino está, constantemente, aprendendo nas relações com outros corpos, na interação com outros corpos femininos e em seus códigos de comportamento, beleza e modelos de

gênero, na relação com os corpos que compõem o núcleo familiar, com o grupo de amizade, com os pares amorosos e sexuais, mas também a partir de outros corpos que estão presentes na televisão, no cinema, na literatura, escola e na internet, enfim, com uma infinidade de modelos valorizados ou desvalorizados. Consideramos importante ressaltar que frente a toda sorte de imagens a que estamos expostos, quer seja sobre a forma de bens consumíveis, quer seja sobre a imposição de um modo de viver que privilegia a beleza, a juventude, a magreza, há estampadas em revistas, propagandas de TV, *folders* que nos são oferecidos na rua, sites da internet, informações que buscam nos capturar por meio de conceitos, ideologias que se materializam diante de nós, de maneira muito incisiva. Considerando o exposto, parece que a vida tem um roteiro a ser seguido. Tais afirmações estão em consonância ao que Ernest-Pereira (2005) indica:

O culto à juventude e à beleza, o privilégio da pele branca, o medo da velhice e da morte, a moda e as representações coletivas impõem cânones que só um pequeno número consegue alcançar e impedem que a maioria sintam-se à vontade em seu próprio corpo e aceite sua imagem. Historicamente, essa relação é construída através de diferentes práticas discursivas que atuam no sentido de conter os corpos. (ERNEST-PEREIRA, 2005, p. 02).

As discussões que discorrem sobre o corpo tomaram força nos estudos sociológicos, antropológicos e filosóficos muito em função dos movimentos feministas e pós-estruturalistas e, conseqüentemente,

pós-colonialistas. A sociologia classificou o corpo como seu objeto de estudo, não necessariamente o organismo humano, mas “a corporeidade, enquanto conjunto de manifestações simbólicas da existência corporal, devidamente contextualizado no tempo histórico e no espaço social” (BARBOSA; FERNANDES, 2016 *apud* FERREIRA, 2013). Já a antropologia, pode-se considerar que “concebeu o corpo como “símbolo natural”, chamando a atenção para o complexo relacionamento entre os aspectos físicos e sociais que comporta” (BARBOSA; FERNANDES, 2016 *apud* DOUGLAS, 1970), destacando em nossas relações como naturalizamos a função do corpo como única capacidade funcional, desconsiderando a sua matriz social em que ele se estrutura. Em se tratando ainda do papel social atribuído ao corpo, de modo geral, podemos destacar sobre a educação dos corpos que “o ser humano é colocado a serviço da economia e da produção, gerando um corpo produtor que, portanto, precisa de ter saúde para melhor produzir e precisa de adaptar-se aos padrões de beleza para melhor consumir” (BARBOSA; FERNANDES, 2016 *apud* DOUGLAS, 1970, p. 75).

Desse modo, os depoimentos das *Meninas* indicam que em função de uma construção de um enunciado idealizado de corpos, os outros, periféricos, negros estão submersos as margens como se não existissem. Ademais, isso não significa que esses corpos não percebam a exclusão:

Viih: “-Na escola, os meninos falaram os nomes das meninas mais bonitas da escola e só o meu e de outra menina que não falaram”.

A medida em que *Viih* notou que, em seu grupo, esteticamente não se insere no que pode ser percebido como ideal, ela identificou que a diferença que seu corpo provocava a rejeição do grupo. Sendo assim, ela constrói aspectos em si, por meio das definições do outro, que o ideal de beleza é oposto às suas características e, nesse momento ela compreende mediante o reconhecimento do outro, o enunciado eurocêntrico, as tais definições como norma:

Quando a sociedade brasileira olha para o negro e para a negra e os destitui do lugar da beleza, ela afirma uma determinada proposição, um julgamento em relação ao negro e sua pertinência étnico/racial, que pode ou não ser internalizado pelo sujeito. Contraditoriamente, ao tentar destituí-los do lugar da beleza, essa mesma sociedade reconhece-os como negros, uma vez que, para se rejeitar, é preciso reconhecer. Esse processo vivido num nível mais amplo e mais geral se reproduz num plano mais íntimo e mais profundo, ou seja, na intimidade e na construção da subjetividade do negro e da negra. (GOMES, 2012, p. 126).

Desse modo, a própria concepção de ser negro (a) é, também, construída de acordo com o meio social. Compreender o corpo negro, não somente como construção de um único pensamento, mas como uma estrutura pensada em barreiras que constrói o imaginário do que se considera, avalia e aceita ou entende por beleza, do corpo educado ou corpo passível de controle. No entanto, esse corpo é suscetível de ressignificações da própria construção de sua

identidade e, se reconstrói entre os grupos pelos quais vivenciam suas experiências. Sendo assim, esse corpo não é passivo aos julgamentos em que se recai sobre ele, ao contrário ele recria modos de encontro com suas próprias significações e resiste ao que é considerado norma. Em virtude disso, tomemos como análise alguns estudos que provocam reflexões acerca desses corpos e suas ressignificações sociais.

O QUE SINALIZAM OS ESTUDOS SOBRE OS CORPOS NEGROS FEMININOS NO BRASIL?

Neste estudo não elaboramos um apurado Estado da Arte das pesquisas sobre corpos negros femininos no País. Para tanto já existem investimentos relevantes que mapearam, de alguma maneira, a questão. Como os investimentos da “Educação e Relações Étnico-raciais: o Estado da Arte” (2018), Organizado por Paulo Vinicius Baptista da Silva, Kátia Régis e Shirley Aparecida de Miranda; e, “Repertório Bibliográfico Sobre a Condição do Negro no Brasil” (2018). Assim, nos atentamos em localizar algumas produções nacionais que discorressem em relação à proposta da pesquisa, dentre os campos de busca de trabalhos que utilizamos como ferramentas de análise¹⁰.

Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, a busca foi realizada pela entrada “corpos negros femininos” e priorizou a leitura e a análise das obras brasileiras produzidas no intervalo de tempo localizado entre 2010 e 2018, consultadas no todo ou em partes, tendo como suportes

dissertações de mestrado e teses de doutorado. Das setenta e cinco dissertações e teses analisadas, foram localizados quinze trabalhos que dialogavam com a proposta estudada neste texto. Do total, 10 eram dissertações e 5 teses¹¹. Um mapa mais detalhado dessas produções encontra-se disponível nas referências.

Nos estudos das dissertações apareceram propostas do campo da corporeidade, subjetividade pela ótica da estética, localizando como pressuposto os cabelos, com viés positivo da identidade negra. Por intermédio da arte, música, literatura, poesia, no campo educacional na regulação dos corpos jovens e negros, estudos que potencializam o lugar do (a) negro (a) na sociedade de modo geral e ao mesmo tempo localizam o racismo e apontam caminhos para uma sociedade anti-racista.

Por um lado, a “mulata tipo exportação” apareceu em um dos trabalhos, identificando como a mulher negra, de acordo com Gonzáles (1984), carrega o estereótipo da mulher ainda colonizada, exportada a gosto do colonizador, ou a doméstica invisibilizada na senzala moderna, o quartinho da empregada, e nas passarelas do carnaval seu corpo seminu exalta uma beleza revestida de objetificação de seus corpos, como a mulher negra passa de rainha a escrava de um dia para o outro, como seu corpo transita aos modos de uma cultura colonizadora. Esse corpo sendo alvo de construção de um imaginário de não idealizado, percorrendo a infância, passando para a adolescência e reproduzindo alguns estigmas próprios da idade dessas meninas,

¹⁰ Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO).

¹¹ As teses e dissertações localizadas encontram-se listadas nas referências bibliográficas deste artigo.

desde a infância até a vida adulta. Por outro lado, o corpo feminino negro que se experimenta entre a feminilidade e a negritude encontrando-se em conexões positivas advindas de uma construção de valorização desse corpo, se configurando na estética, no cuidado, nos campos da intelectualidade e na política, em que as hierarquias estatais não conseguem infiltrar. Esses corpos em diálogo com sua ancestralidade mantêm-se como corpos resistentes às estruturas patriarcais. Com a vivência do cuidado e das experimentações da maternidade vividas por mulheres, negras e mães da comunidade quilombola de Boa Vista dos Negros.

A dualidade entre representação e representatividade aparece nas produções delineando como tais questões interpretadas pelas mulheres negras se revestem enquanto uma perspectiva histórica. Sendo assim, a representação pode ser percebida nos séculos XIX e XX, em que se exaltava a democracia racial, o embranquecimento do país e a exotização da mestiçagem. Em contrapartida, a representatividade vem desconstruindo esses efeitos por intermédio do próprio protagonismo das mulheres negras em se reconstruir no entorno desse universo em que se compreende de modo global e não unilateral.

Já nas teses podemos afirmar que as discussões de performance e performatividade aparecem para analisar de que maneiras as jovens negras tornar-se-iam agentes de suas próprias identificações. Os estudos discorreram sobre a concepção de beleza e fealdade, na medida em que suas perspectivas desvelavam uma única aparição do que se compreende por beleza. Conforme Paula (2015, p. 16), “a corporeidade, nessa forma de pensar o espaço social de trocas,

faz-se também embate à construção de discursos outros; uma linguagem do e no corpo, processo pelo qual uma norma corporal é assumida, rejeitada ou ressignificada”. Ademais, Oliveira (2018) analisou como as subjetividades das mulheres negras seriam decodificadas por intermédio da iniciação do Candomblé no Ketu, de maneira que seus corpos tomam proporcionalidades específicas e de empoderamento, inclusive nas instituições escolares.

Ademais, outro levantamento bibliográfico foi realizado no acervo da base de dados do banco de teses e dissertações da CAPES, com a categoria “Juventudes femininas negras”, entre os anos de 2014 a 2018 e em consulta que privilegiou os trabalhos produzidos na área das Ciências Humanas. Foram localizados 1.217 estudos. Desses, encontramos três dissertações em distintas¹² regiões do País apenas uma tese¹³.

Em se tratando dos estudos encontrados para a categoria “Juventudes femininas negras”, os trabalhos revelam ênfase nas juventudes, dialogando em campos distintos. Seja na experimentação da dança, na vivência em um contexto de militância dentro de espaços considerados hegemônicos como a universidade, e nas vivências dos sabores amargos de serem mulheres negras e jovens alunas da educação básica pública.

Os estudos apontam para análises de experimentações diferenciadas em ser mulher negra e jovem, mas apresentam

¹² Uma na região Nordeste, uma na região Sul e outra na Região Centro-Oeste.

¹³ Região Sudeste. Todos esses trabalhos também podem ser encontrados nas referências deste artigo.

semelhanças que têm relação com os atravessamentos de gênero e raça. Oportunizando assim, pensar esse corpo, feminino, negro e jovem dentro de espaços, que corrobora para outras perspectivas e outros deslocamentos nesses lugares. Em contrapartida, a regulação dos corpos, os dos negros presentes principalmente nas escolas públicas, ainda, são motivos de recorrentes incômodos, conforme as vozes das e dos jovens negros/as.

Notoriamente, o resultado não apreende a realidade da totalidade da produção do Campo e tampouco é capaz de esgotar a identificação de toda a produção sobre o tema. Assim sendo, é preciso registrar que uma mesma produção poderia ser classificada em mais de um dos critérios listados e que a categorização dos textos pode variar de acordo com a apreciação do (a) leitor (a).

Em suma, o que se pode perceber em relação aos trabalhos encontrados é que o corpo feminino negro analisado em decorrência da performance, ainda desaponta as fantasias dos senhores colonizadores na medida em que afirma enquanto um corpo político e resistente, por intermédio da arte, música, *literatura-marginal-periférica*, na educação, na saúde ou na religiosidade, seja na vivência de suas sexualidades, tornando corpos sujeitos do seu próprio discurso. Dessa maneira, os estudos acerca do tema se esforçam em problematizar o racismo, indicando saídas que potencializam as agências das mulheres negras e jovens pesquisadas, além disso, os trabalhos mostram caminhos possíveis para uma sociedade antirracista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o percurso de pesquisa talvez tenha sido possível perceber alguns dos mecanismos de opressão, silenciamento e invisibilização que marcam os cotidianos das mulheres negras nos seus corpos, nos seus territórios e nas suas existências. De maneira bastante autêntica, as *Meninas*, convidadas a colaborar com o nosso trabalho, foram apontando caminhos possíveis que indicavam um fazer representativo por intermédio de suas próprias perspectivas. Direcionando-nos a refletir que a representatividade pode ser interpretada em inúmeros contextos, basta considerar que esses corpos existem em meio a tantos atravessamentos raciais, de gênero, de classe social, territoriais, culturais, entre muitos outros.

Seus corpos jovens, femininos e negros apontam resistências e suas maneiras de se manifestar socialmente constroem narrativas do que elas mesmas podem considerar acerca do que compreendem de suas realidades. Muito embora haja outros adjetivos, as *Meninas*, por intermédio dos seus incômodos com a própria estrutura da escola em que frequentam todos os dias para se formarem, vão nos educando a pensar uma nova proposta de entendê-las. E por meio dessas formações, interrogam a escola, propondo que ela se disponha a mudar. Essas *Meninas* negras e periféricas, cotidianamente atravessadas por inúmeras violações e alvos de inúmeros adjetivos que as descaracterizam, ainda assim, educando a sociedade para que possam compreender as mulheres jovens e negras por elas mesmas.

Ademais, restam à mulher negra as representações de características que não são representadas. A mulher imaginada da

mídia, a mulher estereotipada na sociedade, a mulher culturalmente objetificada. O que permanece é a saudade e ansiedade pela mulher real. Percepções que conseguimos identificar durante a investigação no campo da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza D.A. de. *Etnografia da prática escolar*. 14 ed. Campinas/ SP. Ed. Papirus. 2008, p. 128.
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado** – Vol. 31. Nº 1 Janeiro/ Abril 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2018.
- DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. Tradução. Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo/ SP: Boitempo Editorial. 1980. 244 p.
- ERNEST-PEREIRA, Aracy. **A construção do corpo através do discurso**. Escatologias no espaço escolar. Universidade Católica de Pelotas, 2005.
- FERNANDES, Luís; BARBOSA, Raquel. **A construção social dos corpos periféricos**. Saúde Soc. São Paulo, v.25, n.1, p. 70-82, 2016.
- GARCÍA, Emma Delfina Chirix. **Subjetividad y racismo: la mirada de las/los otros y sus efectos** 2014. Tejiendo de otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala / Editoras: Yuderkys Espinosa Miñoso, Diana Gómez Correal, Karina Ochoa Muñoz – Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014. p. 480.
- GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: uma breve discussão. In: BRASIL Educação Antirracista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. p. 39 - 62.
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017. Ed.1. 154 p.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem Perder a Raiz: Corpo e Cabelo como Símbolo da Identidade Negra**. Belo Horizonte, Autêntica, 2012. 416p. (Coleções Cultura negra e identidades).
- GOMES, Nilma Lino, MIRANDA, Shirley Aparecida de. **Gênero, Raça e Educação**: indagações advindas de um olhar sobre uma academia de modelos. Santa Catarina. Poiésis, Tubarão. V.8, n.13, p. 81 - 103, Jan/ Jun, 2014.
- GONZÁLEZ, Lélia. **Racismo e sexíssimo na cultura brasileira**. Apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1980. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Guardiã Resende et alii. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003a.
- HALL, Stuart. Quem Precisa de Identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2003b.

JODELET, Denise. **A representação: noção transversal, ferramenta da transdisciplinaridade.** *Cad. Pesqui.* [on-line]. 2016, vol.46, n.162, pp.1258-1271. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742016000401258&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 12 Ag. 2019.

KLEAIM, Luiz Claudio. Prefácio. In: RODRIGUES, Alexsandro; MONZETI, Gustavo Artur; FERREIRA, Sérgio Rodrigues da S. **A política no corpo: gênero e sexualidades em disputa.** Vitória: EDUFES, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. In: SILVA, T. T. (Org). **A emergência do "gênero".** Petrópolis, RJ. Editora Vozes Ltda. 1997, p.14-37.

MEDeiros, Hildézia. A imprensa e o Racismo. Org. Sílvia Ramos. **Mídia e racismo.** Rio de Janeiro: Palhas, 2002.

OLIVEIRA, Carolina dos Santos de. **Adolescentes negras no discurso da Revista Atrevida.**

2009. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais.

Belo Horizonte, 2009.

OLIVEIRA, Eduardo Henrique Pereira de. A postura da mídia. Org. Sílvia Ramos. **Mídia e racismo.** Rio de Janeiro: Palhas, 2002.

OLIVEIRA, Kelly Adriano de. **Deslocamentos entre o samba e a fé: um olhar para gênero, raça, cor, corpo e religiosidade na produção de diferenças.** 2009. 261 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em:

<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280721>. Acesso em: 13 ago. 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do Feminismo Negro.** SCHAWARCZ, São Paulo, Companhia das Letras, 2018. Ed.1, 148p.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista; REGIS, Kátia; MIRANDA, Shirley Aparecida de. **Educação das Relações Étnico-raciais: o estado da arte.** Paulo Vinicius Baptista da Silva, Kátia Régis, Shirley Aparecida de Miranda, organizadores. – Curitiba: NEAB-UFPR e ABPN, 2018.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil.** Porto Alegre/RS, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico. **Estudos Culturais.** Belo Horizonte. Autêntica, 2000.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.** Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VIEIRA, Luciléia da Silva. **Guerreiras aquelas que nasceram nas trincheiras: representatividade e resignificação nas vozes das Meninas da Terra.** 2019. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

Lista de estudos sobre os corpos negros femininos no Brasil

BOSCHEMEIER, Ana Gretel Echazú. **Natureza de mulher, nome de mãe, marca de negra:**

identidades em trânsito e políticas do corpo na comunidade quilombola de Boa Vista dos Negros. 2010. 283 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

BUENO, Josiane de Assis. **É pelo corpo que se reconhece a verdadeira negra?** uma análise antropológica sobre a corporalidade negra feminina na cidade de Porto Alegre. 2017. 117 f., Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

CINTRA, Ellen Daiane. **Jovens Negras no Ensino Médio Público e Privado no DF:** um estudo comparado e interseccional sobre suas vivências e percepções do racismo. 2018. 217 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, 2018.

COSTA DE PAULA, Rogéria. **Não quero ser branca não. Só quero um cabelo bom, cabelo bonito!** = performances de corpos/cabelos de adolescentes negras em práticas informais de letramento. 2010. 313 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

FORMIGA, Glêides Smone de Figueiredo. **No rastro de dores: trajetórias de vida e registros de superação em narrativas de mulheres negras com experiência de relações afetivo-sexuais com outras mulheres.** 2015. 243 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

LAGLAGO-LOUSA, Pilar. **Corpo, voz e resistência:** a (des)construção da representação feminina nas obras poéticas de Elizandra Souza e Luiza Romão. 2017. 221 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

LEITE, Cléa Aguiar. **A representação da “mulher brasileira” construída pela Embratur entre 1966 e 1985.** 2017. 173 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo), Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

LIMA, Elânia Francisco. **Negritudes, Adolescências e Afetividades:** experiências afetivo-sexuais de adolescentes negras de uma periferia da cidade de São Paulo. 2018. 134 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação Sexual) - Universidade Estadual Paulista, 2018.

MACHADO, Maria do Livramento da Silva. **Jovens Bailarinas de Vazantinha:** Conceitos de Corpo nos Entrelaces Afroancestrais da Dança na Educação. 2015. 267 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal Do Piauí, 2015.

MACHADO, Sandra Maria. **Ditos, não ditos, juventudes, violências, indisciplinas: tentáculos do capitalismo estético? Racismos invisíveis?** 2018. 242 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, 2018.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. **Candomblé de Ketu e educação:** estratégias para o empoderamento da mulher negra. 2018. 213 f. Tese de Doutorado (Doutora em Educação) - Universidade de São Paulo, 2018.

PASSOLD, Sirlene Barbosa Corrêa. **Desapocadas:** concepções de beleza e conhecimentos tradicionais de mulheres quilombolas do Puris- MG. 2017. 147 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

PAULA, Claudemir da Silva. **Negra sem reticências:** corpo e corporeidade na poesia de escritoras afro-brasileiras. 2015. 186 f.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2015.

RIBEIRO, Isabela Bezerra. **Alice através do espelho**: representações sociais e corpo entre adolescentes. 111f. 2018. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Psicologia) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2018.

SANTOS, Patrícia Helena Xavier dos. **Mulheres em Movimento**: Trajetórias de Estudantes Negras na UFRGS e o tornar-se Mulher Negra. 2018. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

SILVA, Andressa Marques da. **Por uma promessa de vida mais viva**: relações afetivas de mulheres negras no rap e no romance brasileiro contemporâneo. 2013. 129 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SILVA, Michele Lopes. **Mulheres negras em movimento(s)**: trajetórias de vida, atuação política e construção de novas pedagogias em Belo Horizonte - MG. 2007, 244 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SILVA, Silvane Aparecida da. **Racismo e sexualidade nas representações de negras e mestiças no final do século XIX e início do XX. 2008**. 94 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SONGA, Eufrásia Nahako. **(Re)significações das tranças e outros penteados em Angola**: as moças das tranças na “Praça Nova” da cidade do Lubango. 2017. 146 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) -

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

SOLIDADE, Luana Lise Carmo da. **Blues e samba traduzindo corpos de mulheres negras em performances de Billie Holiday e Elza Soares**. 2017. 145 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Bahia, 2017.